

NA RUA DA PEDREIRA*

*Maura Soares***

Na Rua da Pedreira, onde nasci, carros não passavam, então, a brincadeira era livre. Casas germinadas, à moda açoriana. Muitas vezes, quando as vozes vizinhas se alteravam, poder-se-ia ouvi-las através das paredes de estuque e tijolos.

Residiam, além dos Soares - minha família -, os Silva Furtado, os Bastos, os Vieira, os Sobierajski dos Santos, os Zilli, os Ligocki, e outras três famílias que, neste momento, não recorro os sobrenomes.

Pela rua passavam os romeiros da Procissão de Passos, encurtando o caminho, pois a procissão seguia da Irmandade/Hospital de Caridade pela Rua Tiradentes e, como esta era e ainda é estreita, os fiéis cortavam caminho pela Victor Meirelles - esquina da Rua da Pedreira -, em direção à Catedral Metropolitana, onde aconteceria o ato litúrgico.

Muitas vezes ficava eu à porta de casa apreciando aquela procissão paralela a subir nas pedras da rua.

* Rua General Bittencourt. O texto fala do trecho compreendido atualmente pela Delegacia do Trabalho e o Rio da Avenida Hercílio Luz (antigo Rio da Bulha).

** Membro emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Presidente do Grupo de Poetas Livres (gestão 2000/2002).

Como era imprópria para carros, todos que por ali passavam o faziam a pé, dando assim oportunidade de se cumprimentarem e falarem uns com os outros nem que fosse sobre o tempo. Os eventuais carros que se atreviam a passar, só chegavam até minha casa. Tinham que fazer o retorno em direção à Avenida Hercílio Luz. O único que se atreveu a descer as pedras motorizado foi o Juancito Ganzo. Mas isto já é outra história.

Por ali também passavam os vendedores ambulantes, tanto os que vendiam legumes e verduras - com cestos suspensos em varas aos ombros - quanto os que vendiam broas, biscoitos, bom-bocado (doce com côco), puxa-puxa (caramelo queimado com açúcar) e canja-americana (uma espécie de bala de cor amarela - uma delícia!).

A Rua da Pedreira era uma gostosura para a gurizada. Meninas e rapazes, sem nenhum preconceito, brincavam de correr, de pega-pega, subir em árvores da avenida, pegar piava no canal da Hercílio Luz, mocinho e bandido, cinco-marias, bola de vidro, arremesso de tampa de garrafa, taco (uma variação do beisebol) e, naturalmente, futebol, numa cordialidade que, às vezes, acabava em sopapos, mas, em seguida, a paz renascia.

Perto, na Rua Tiradentes, ficava a Padaria Moritz e, nos fundos dela, a Fábrica de Balas

Rocôco. Lembro-me do incêndio na fábrica, não sei precisar a data. Os vizinhos e nós ajudamos a guardar as latas com as balas salvas do incêndio, impedindo com isso o saque. Não me recordo de termos sido recompensados pelos Moritz desse gesto de solidariedade. Uma prima de minha mãe, a “Bêga”, trabalhava na seção de embalagens e, essa sim, sempre trazia balas para nós.

Balas Rocôco! Como eram gostosas, com côco e cobertas de chocolate! Além das balas Rocôco, também saboreávamos umas balas azedinhas em forma de lua, sabor laranja. Só em pensar dá água na boca!

O trecho da Rua da Pedreira, onde nasci, só tinha um lado com casas. O outro lado era tomado pela construção do 5º Distrito Naval. Hoje abriga uma repartição federal. A rua ainda é interrompida pelo canal da Avenida Hercílio Luz e continua até a Avenida Mauro Ramos, com casas ou edifícios em ambos os lados.

Minha casa era a segunda da rua. Porta e janela fronteira. Um corredor não muito estreito ligava a sala de entrada aos outros cômodos. A sala principal foi dividida e ali meus pais dormiam quando a família começou a aumentar. No quarto seguinte as meninas, três a princípio, e no outro, o dos rapazes, cinco à época em que me recordo para início desta narrativa - ano de 1954. O quarto das meninas, com camas individuais e o dos meninos, com beliche, para melhor acomodação.

A sala de jantar. Ah, a sala de jantar! Era o lugar dos encontros, local onde se discutia política, arte, os últimos acontecimentos familiares e sociais, a

recepção aos parentes. Uma cadeira de balanço ao lado do rádio marca ABC. À mesa todos se sentavam em um banco comprido, de um lado, em cadeiras, de outro, a fim de caber toda a família. O almoço era partilhado, a comida dividida irramente. Operário da Força e Luz (depois Elffa, depois Celesc), somente meu pai sustentava a família. O orçamento doméstico era complementado com as costuras que minha mãe fazia para fora.

Uma cristaleira em um canto com vidro de cristal jateado e ornado de flores, em que a louça comum ficava ao lado dos poucos cristais e porcelanas. Naquela época podia-se comprar! A água para beber era colocada em um filtro de louça. O fogão, a lenha, depois substituído por um a gás. Lembro-me da carne assada de panela que minha mãe preparava no fogão a lenha.

Revejo meu pai acomodado na cadeira de balanço a ouvir o noticiário das 22 horas da Rádio Tupi, do Rio de Janeiro. Uma voz vibrante encerrava o programa com texto de Rui Barbosa: “A Pátria não é ninguém; são todos e cada qual tem no seio dela o mesmo direito à idéia...”.

Lembro-me quando, com 11 anos de idade, já deitada para dormir, pois tinha que acordar cedo para ir à escola - já estava na 1ª série do ginásio -, escutei, naquela noite de agosto de 1954, o noticiário sobre o suicídio de Getúlio Vargas, “o presidente dos trabalhadores”, como muitos diziam. A notícia chocou meu pai e todos fomos solidários com ele. Pouco entendia, à época, o acontecido. Revejo agora na minha lembrança e analiso este que foi um fato

marcante para a política brasileira, até hoje sendo lembrado e estudado.

Nossa casa era o lugar de acolhida dos parentes que vinham do interior para se tratarem com os médicos da Capital. Era um fato: se algum parente viesse à Florianópolis, mesmo que a passeio, e não fosse em minha casa, é como se não tivesse visitado a cidade.

No verão, a vizinhança se reunia nas calçadas. Colocavam cadeiras e ali ficavam a conversar. O Terno-de-Reis e a brincadeira do Boi-de-Mamão eram apreciados. A comemoração do Carnaval, para nós, era fácil. Assistíamos ao desfile das escolas e blocos (Protegidos, Copa Lord, Bloco da Escola de Aprendizes de Marinheiros, Bororós) e dos carros alegóricos e de mutação do Tenentes do Diabo e Granadeiros da Ilha, sem ficarmos horas esperando.

Munidos de cadeiras para melhor apreciar, quando ouvíamos o batuque da primeira escola que faria o percurso ao redor da Praça XV de Novembro, dirigíamos-nos à festa. Esse período do Carnaval, dos anos 50 a 60, foi, a meu ver, o melhor que eu pude assistir. Hoje em dia assisto 5 a 10 minutos pela televisão, e já acho muito.

Em 1956 e 1958 nasceram os meus irmãos caçulas. A família ficou assim: pai, mãe, quatro mulheres e seis homens. Minha

mãe ainda engravidaria de um outro menino, porém, ao atender uma menina vizinha que havia contraído varicela, pegou o vírus e o bebê nasceu morto.

Superadas as dificuldades que toda família de classe remediada enfrenta, todos nós estudamos e nos formamos em faculdade, menos um que fez somente até o segundo grau. Porém este custeou o estudo do filho mais velho, que já é odontólogo e exerce a profissão em Tijucas. O filho do meio graduar-se-á em Comércio Exterior.

Por termos sido criados e morarmos na Rua da Pedreira - até 1969 - quando, então, em dezembro desse ano, nos mudamos para o Bairro Abraão, não sofremos o estresse de rua movimentada e pudemos usufruir livremente do espaço para as brincadeiras, pernas raladas nas pedras e areão. Pudemos sentir a cordialidade dos vizinhos, as conversas, o auxílio quando em época de doença ou precisão material, ou seja, a camaradagem de todos.

Enfim, vivi numa época boa de Florianópolis, em que um vizinho era valorizado não pelo que possuía em bens materiais, mas pelo carinho e apoio que sempre entregava aos semelhantes.

Viver na Rua da Pedreira foi marcante.

Pena que o progresso acaba com estes valores.

Florianópolis, 23 de maio de 2000.